

Editorial

Caras leitoras e caros leitores,

Apresentamos mais uma edição da *Ilha – Revista de Antropologia*, o volume 27, número 3 de 2025. Nesta edição, estão publicados nove artigos, um ensaio bibliográfico, uma resenha e uma tradução.

O primeiro artigo, *“Tempos, Contextos e um Encontro no Terreiro Guarany de Oxóssi: movimentos por histórias entrelaçadas”*, de Miriam Rabelo, aborda o cenário cultural e afro-religioso de Cachoeira, BA, por meio do que narra Valmir sobre seu encontro com entidades caboclos e com o Terreiro Guarany de Oxóssi. O texto trata das questões temporais e históricas presentes no relato. O segundo artigo analisa a ausência das vozes negras em etnografias urbanas na cidade de São Paulo, entre os anos de 1970 e 1980. Nesse texto, José Carlos Gomes da Silva busca valorizar as memórias negras, contrapondo essas etnografias com sua pesquisa realizada entre os anos 2017 e 2020; *“Vozes Negras na Periferia da Cidade de São Paulo: revisitando etnografias e memórias silenciadas (1970-1980)”* busca, portanto, tratar desses dois tempos a partir da pesquisa etnográfica.

Já no artigo *“Práticas de Cuidado e Medicções: etnografia de um hospital psiquiátrico”*, de Sabrina del Sarto, conhecemos como os moradores da ala residencial de um hospital psiquiátrico vivenciam a institucionalização. O foco do texto está na relação entre tratamentos, práticas de cuidado e uso de psicotrópicos e em como os moradores mobilizam redes de solidariedade para enfrentar emergências de seu cotidiano.

O artigo 4, de Karoliny Martins, propõe uma reflexão antropológica sobre a definição de dependência química. O texto *“O Cotidiano como Limite para o Uso Problemático de Drogas: uma abordagem antropológica da dependência química”* analisa a narrativa de interlocutores que apontam para experiências cotidianas desorganizadas com indícios de uma relação prejudicial com substâncias psicotrópicas. Em *“Fibromialgia e a Economia Moral da Dor”*, Francisco Cleiton Vieira reflete, a partir da antropologia, sobre a experiência social da fibromialgia, sobretudo no que se refere ao reconhecimento dessa dor. O artigo descreve as racionalidades e as práticas que possibilitam que a pessoa com fibromialgia prove que sua dor é real.

Nos artigos 6 e 7, temos estudos sobre a Música Popular Brasileira; Rafael de Menezes Bastos estuda os significados do choro *“Na Glória”* de Raul de Barros, e usa transcrição musical como instrumento de análise no texto: *“Sobre a Consistência, a Solidez e a Economia Formais da Música Popular Brasileira: uma investigação preliminar sobre o “Na Glória” de Raul de Barros”*. Nesse texto, encontramos uma análise sobre a excelência da Música Popular Brasileira. Já em *“O Cachorro Engarrafado: substância e amizade na Música Popular Brasileira”*, Rafael do Nascimento Cesar discute a amizade e a criação na Música Popular Brasileira, em

especial na Bossa Nova, a partir da relação de compositores, intérpretes e intelectuais com o uísque. Seu destaque é para o lugar da bebida na produção musical, buscando deslocar o olhar antropocêntrico do gênio criador.

O artigo 8 trata do racismo e como ele se manifesta nas escolas, abordando casos entre estudantes e como certas expressões se conectam à construção da ideia de raça no imaginário cultural brasileiro. O estudo *“Pelo Fio de Ariadne: caminhos e descaminhos do racismo à brasileira na escola”*, de Valdir Aragão do Nascimento e de Cláudia Sales Campos, demonstra que os ensinamentos teóricos não estão encontrando ressonância na vida cotidiana dos estudantes. No texto 9, *A Cultura Animal em Debate: contribuições dos estudos multiespécies*, Carolina Alves d’Almeida analisa a questão da cultura e da cultura material de animais não humanos. A autora busca refletir sobre o reconhecimento das capacidades culturais e simbólicas dos animais.

Em seguida, temos o ensaio bibliográfico *“Semeando Palavras Contracoloniais”*, que faz um apanhado das ideias e das obras de Antonio Bispo; e a resenha sobre a obra *“Quando a Morte Pede Passagem: narrativas e silêncios em cuidados paliativos oncológicos domiciliares”*, de 2024. Finalizamos este número com a tradução *“Parentesco Inquietante: casamento sagrado e configuração de gênero no sul da Índia”*.

A *Ilha – Revista de Antropologia* é uma publicação que reúne artigos inéditos, resenhas, traduções, ensaios bibliográficos e dossiês temáticos que contribuam para o debate contemporâneo no campo da antropologia. Temos seguido nosso compromisso de divulgação da pesquisa científica no âmbito da antropologia, primando pela seriedade e pelo rigor na produção deste conhecimento. A *Ilha – Revista de Antropologia*, seguindo a tendência contemporânea, passou a ser publicada exclusivamente *on-line*, sendo esta uma forma mais ágil e sustentável para a ampla divulgação de nossa produção.

Desejamos que todos realizem uma leitura prazerosa com as obras apresentadas!

Viviane Vedana

Editora